



## Perspectivas sobre as revoltas na Bolívia

Neste mês de maio, parcela significativa da população boliviana iniciou ações de resistência contra o atual presidente após uma série de medidas impopulares que impactaram diretamente a realidade material dos explorados. Além de entender os fatos, tentaremos analisar os limites dessas revoltas no cenário democrático e também seus possíveis significados históricos para um projeto de emancipação proletária.

### Breve panorama

Após um longo processo de desgaste político entre Evo Morales, presidente de 2006 a 2019, e Luis Arce, presidente de 2020 a 2025, ambos do partido MAS (movimento ao socialismo), o candidato de direita Rodrigo Paz iniciou a campanha eleitoral de 2025 com 3% de intenções de voto e em agosto conquistou 54% do eleitorado. Representante de oligarquias políticas históricas, orientou sua campanha com um discurso anticorrupção e, em um contexto de recessão econômica, adotou o lema “capitalismo para todos”.

Logo de cara, em 17 de dezembro de 2025, Paz editou o Decreto Supremo 5503, acabando com subsídios aos combustíveis, afrouxando a legislação de controle ambiental e retirando do Poder Legislativo decisões sobre a exploração de recursos naturais. Também houve a eliminação de tributos sobre grandes fortunas. Ainda em dezembro, o preço da gasolina já havia subido 86% e o do diesel 163%, e como consequência direta os combustíveis começaram a ser adulterados, o que levou à perda de milhares de veículos particulares, de transporte público e de maquinário agrícola. Em abril, veio a lei 1720, permitindo linhas de crédito bancário a pequenos proprietários rurais desde que dessem suas terras como garantia, o que foi encarado como uma tentativa de enfraquecer a união dos camponeses bolivianos.

Diante desse cenário, desde janeiro já estavam ocorrendo protestos de camponeses, povos indígenas, e diversas categorias proletárias como mineiros, professores, médicos e transportadores, com diversos enfrentamentos à polícia que culminaram em algumas mortes. Porém, em maio, com a piora nas condições de vida e a forte repressão policial aos protestos, a principal reivindicação passou a ser a renúncia do atual presidente, por meio de bloqueio de estradas e greves generalizadas, com atuação da Central Operária Boliviana (COB).

O epicentro das manifestações foi a região de La Paz (sede do governo), mas também houve forte mobilização em Potosí, Cochabamba (reduto político de Evo), Oruro, Chuquisaca e Santa Cruz. Há greve no transporte público, escassez de alimentos, de medicamentos e de oxigênio nos hospitais, apagões pontuais de eletricidade e, em algumas regiões já foram montadas barricadas para resistir à repressão estatal. Ainda, há uma forte tendência nas bases dos movimentos a proibir que suas lideranças façam qualquer tipo de acordo ou concessão ao presidente.

### As vozes da socialdemocracia

O presidente boliviano pediu “ajuda humanitária” a Lula e foi atendido por meio do envio de alimentos. Rodrigo Paz também recebeu suporte logístico da Força Aérea Argentina e dos EUA para atenuar o desabastecimento. Na ocasião, Lula ressaltou “a importância do pleno respeito às instituições democráticas e ao Estado de Direito”, prescrevendo que se chegue a uma solução pelo diálogo e dando a entender que é contrário à saída de Paz.

Essa afirmação é coerente com sua trajetória política, marcada pela defesa intransigente da legalidade burguesa frente à autonomia proletária. Trocando em miúdos, o recado de Lula à população boliviana é que

“A visão ocidental e democrática desses acontecimentos consiste em negar o que houve neles de intervenção autônoma dos proletários, de solidariedade, de ação coletiva, para não ver mais do que uma força bruta destinada unicamente à destruição, uma força que deveria ser direcionada a objetivos positivos: direitos humanos, partidos políticos independentes e eleições livres.” — Gilles Dauvé & Karl Nesic

“Esta mudança não poderá se operar por um ato revolucionário único, mas será preciso um largo processo, no qual os trabalhadores, através da necessidade e de amargos desenganos, de vitórias ocasionais e de repetidas derrotas, ganhem pouco a pouco a força suficiente para conseguir uma sólida unidade e a maturidade para a liberdade e o poder. Esse processo de luta é a revolução proletária. A duração desse processo será diferente segundo os países e as circunstâncias, e depende, antes de tudo, da força de resistência da classe dominante.” — **Anton Pannekoek**

aguentem até as próximas eleições, sem violência e sem criar instabilidade institucional, e que também esqueçam dos 23 mortos pelas forças de repressão na crise política de 2019.

Na mesma linha socialdemocrata, Evo Morales afirmou que o movimento é contra o neoliberalismo e contra o alinhamento internacional da Bolívia com os EUA. Para ele, todas essas manifestações se resumem a posicionamentos que o elegeram presidente por três mandatos consecutivos, nada além.

## Horizontes

Essa experiência de convulsão social na Bolívia, mais uma vez deixa claro que a via eleitoral não oferece saídas para os explorados. De um lado, a direita busca no descrédito da esquerda legitimidade popular para implementar as ofensivas do capital. Em seguida, a esquerda do capital volta ao poder tentando se equilibrar entre a garantia da paz social, a ampliação dos lucros da burguesia e algumas pequenas reformas suficientes para manter o proletariado esperançoso. Passam-se as décadas e o capitalismo segue intacto e hegemônico. Quais seriam, então, as formas mais eficazes de produzir uma ruptura?

Para os que se filiam a correntes teóricas ligadas ao bolchevismo, o que falta hoje na Bolívia é um partido da vanguarda revolucionária capaz de coordenar os esforços dos rebeldes em direção a um processo revolucionário que culmine na tomada do poder de estado. Em uma hipótese muito otimista em que se conseguisse vencer as forças contrarrevolucionárias dos países vizinhos liderados pelos Estados Unidos, o isolamento econômico seria um castigo cruel para a população de um país sem acesso ao mar. Ademais, dadas suas consideráveis reservas de lítio e de gás natural, seria pouco provável que potências capitalistas dessem alguma trégua nas tentativas de derrubar o regime “socialista” em questão.

Essa forma de enxergar a luta de classes parece pressupor que qualquer revolta generalizada pode ser convertida em uma revolução socialista, bastando que a vanguarda saiba transformar a consciência política das massas e canalizar sua disposição de enfrentamento para um processo que os conduza à cúpula da estrutura estatal. Chegando lá, acreditam que o partido ensinará à população o que é o socialismo.

Não temos notícia de que atualmente o proletariado boliviano esteja esboçando formas de autogerir a produção e a distribuição dos frutos de seu trabalho. Tampouco que os camponeses estejam propensos a coletivizar suas terras, ou que haja alguma estrutura similar a povo em armas ou conselhos de soldados dispostos a romper com o capitalismo. É preciso ajudar a construir esse cenário, cientes de que é um trabalho que pode levar décadas.

Para os comunistas bolivianos resta encarar a realidade material como ela de fato se apresenta: revoltas por melhores condições de vida unidas pela reivindicação da saída do atual presidente. O que pode ser feito no interior dessas lutas é sugerir formas autônomas de deliberação coletiva acerca do rumo dos protestos - organizadas por local de trabalho e de moradia - e tentar fazer com que essas práticas sejam enraizadas no proletariado mesmo após o fim dessa jornada, independente de quem seja o presidente.

Ao mesmo tempo em que é preciso aproveitar essa força demonstrada agora para arrancar do Estado e dos patrões o máximo possível de melhorias materiais, é também imprescindível estimular os explorados a dependerem cada vez menos das instituições burguesas para a tomada de decisões e para a resolução de seus conflitos. Ainda, urge iniciarmos a construção de uma integração proletária em nível internacional.

A formação de um processo revolucionário será cheia de avanços e recuos, e as organizações de comunistas devem ser capazes de demonstrar a correlação lógica entre todas essas experiências. O que não podemos admitir é que o proletariado comece do zero a cada novo ciclo de lutas. 🇵🇪

